

## ***O RENDER DOS HERÓIS***

**Narrativa dramática em 3 partes, um epílogo e uma apoteose grotesca de JOSÉ CARDOSO PIRES. Publicada em 1960.**

**Estreada em 1965 pela Companhia do Teatro Moderno de Lisboa, numa encenação de Fernando Gusmão.**

[...]

**A cena representa a aldeia do Vilar, no Alto Minho, a casa do pároco e as serranias à volta, local de operações dos guerrilheiros, em 1846.**

A acção desenrola-se durante o período extremamente confuso que se seguiu à Guerra Civil entre liberais e absolutistas (1820-1845) e que terminou com a vitória dos primeiros. Os irmãos Cabrais chefiam o Governo da Rainha e a sua corrupção torna-os odiados pelo povo. O exército da Rainha ocupa a aldeia do Vilar, cuja população fugiu. O Coronel Matamundos procura averiguar quais foram as cabecilhas da revolta das mulheres. Ninguém sabe ao certo: fala-se duma ou doutra, e com insistência no nome de Angelina. O Dr. Silveira, personagem ilustre, chega ao Vilar: quer uma escolta para ir procurar a filha Maria Ricarda, que deixou a casa paterna para acompanhar os guerrilheiros do «Académico», seu noivo. Estes, no seu acampamento, preparam o assalto ao Vilar; estranhamente estes guerrilheiros, mais à esquerda do Governo, têm como aliado o Padre Casimiro, caceteiro miguelista da extrema direita. No Vilar, a velha Maria Henriques, presa e torturada, canta com voz fraca as cantigas da Maria da Fonte, legendária inimiga dos Cabrais. Os guerrilheiros cercam o Vilar, mas o Coronel Matamundos não se rende, esperando reforços de Braga. Como os soldados se passam para a guerrilha, Matamundos foge para a serra. Angelina entra no Vilar, revista os soldados prisioneiros. Chega a notícia da morte do «Académico». Maria Ricarda, noiva do «Académico», está convalescente em casa do inglês Stanley. Seu Pai, o Dr. Silveira, convence-a a refugiar-se num convento. No Vilar, Angelina é presa. Houve uma reconciliação geral mas as cabecilhas populares têm de pagar. A Junta de reconciliação reúne-se para trabalhar na pacificação do país, agora às ordens do Governo de Coligação. Dela fazem parte os adversários da véspera, desde o Bacharel Alexandre, chefe de guerrilheiros, até ao representante do Senhor D. Miguel. Afastado o Bacharel, os outros resolvem inventar a «Maria da Fonte», heroína que se possa desprestigiar: para isso escolhem a Angelina, incendiária. Mas esta foge: a revolução fica vazia. Os Cabrais continuam a sua obra: o Capitalismo instala-se no poder.

**Luiz Francisco Rebello. *100 anos de teatro português (1880-1980)*. Porto: Brasília Editora, 1984, pp. 249-250.**

**Autorização de utilização por despacho de 28/06/2017 emitido pela Senhora Diretora Geral do Património Cultural Arqtª Paula Silva.**